

# Uma Ferramenta do Presente Para Compreender o Passado: Memórias de um Professor de História Sobre o Uso do Computador em Sala de Aula<sup>1</sup>

Suellen de Souza Lemonje<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender e refletir de que forma as transformações tecnológicas e pedagógicas estão sendo operadas no campo do Ensino de História. A partir da análise da memória do professor de História, buscamos compreender os impactos e as mudanças em sua experiência profissional ao utilizar o programa “um computador por aluno” (PROUCA) que foi inserido no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2010 e analisando o seu uso em um contexto que se estende até o ano de 2014, compreendendo os diferentes significados atribuídos por esse sujeito a essa tecnologia, que possibilitou a reflexão e utilização de novos recursos pedagógicos ao preparar a estrutura da escola para novas possibilidades, ampliando as dimensões das aulas de história e da prática pedagógica dos professores.

**Palavras-chave:** Saberes docentes; Tecnologias na educação; Linguagens, Professor de História, Ensino de História.

O interesse pelo tema “Tecnologias da Educação e o Ensino de História” contempla parte da experiência acadêmica da autora que, ao realizar a disciplina de Estágio Supervisionado de História I, II e III, optou pelo uso de ferramentas digitais na metodologia do seu projeto de ensino e planos de aulas. O referido estágio aconteceu no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA-UFSC), no primeiro semestre de 2011, tendo como temática central: a História da África e de povos africanos da região subsaariana em período compreendido entre os séculos XII a XVI. O objetivo central daquele projeto foi a orientação e a mediação do conhecimento sobre o continente africano, sua geografia, seus reinos, sua forma de comércio e o contato com outros povos, por meio do manuseio de um blog<sup>3</sup> e outras ferramentas e suportes digitais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Simpósio Internacional de Inovação em Educação 2015. UNICAMP.

<sup>2</sup> Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na linha de Sociologia e História da Educação. Formada em História pela mesma Universidade. E-mail: suellenlemonje@yahoo.com.br

<sup>3</sup> “Um blog, blogue, weblog ou caderno digital é uma página da WEB, que permite o acréscimo de atualizações de tamanho variável chamados artigos ou posts. Estes podem ser organizados de forma cronológica inversa ou divididos em links sequenciais, que trazem a temática da página, podendo ser escritos por várias pessoas, dependendo das suas regras. (...) Os Blogs são espaços interativos, onde tudo pode ser publicado e dito, sem limites para o conteúdo, nem para quem pode ter um. Quaisquer pessoas ou comunidades, de qualquer idade ou região podem criar um blog e postar as informações que julgarem

O contato com essa ferramenta digital deu-se em virtude do projeto Educacional Federal “Um Computador por Aluno” (PROUCA) <sup>4</sup>, que tinha como objetivos promover o uso de tecnologias em sala de aula, propondo a inclusão digital de alunos da Educação Básica. Um ano antes, em 2010, aproximadamente 300 escolas públicas receberam laptops para alunos e professores, infraestrutura para acesso à internet e capacitação de gestores e professores no uso da tecnologia, dando-lhe a oportunidade de manuseá-los a cada experiência prática da docência.

Neste blog <sup>5</sup> foram publicados os materiais didáticos elaborados para cada aula e também as atividades produzidas para o projeto, estando à disposição dos alunos para pesquisa posterior (online). Portanto, esta foi uma ferramenta de comunicação direta entre os alunos e os professores, mesmo fora de sala de aula. O blog, como uma ferramenta tecnológica, apresentou-se como peça fundamental para a inserção dos *netbooks* (UCA) dentro das salas de aulas, servindo como intermediário e base para resolução de algumas atividades.

Como futuros professores, essa experiência permitiu orientar os estudantes para o uso educativo do conteúdo digital da internet, tendo como base sites confiáveis, com fontes seguras, baseados em diversas pesquisas para proporcionar aulas atrativas, com conteúdo novo e problematizado, evitando o uso do computador somente com finalidades lúdicas.

Em 2011, a opção de construção do blog foi por apresentar-se como uma ferramenta motivadora das práticas de leitura e escrita dos alunos. Além disso, também mostrou-se como um espaço de troca de conhecimentos, sendo uma ferramenta pedagógica muito dinâmica e acessível aos estudantes. No entanto, não só o blog atuou como recurso tecnológico durante a experiência de Estágio Supervisionado de História, mas também a análise de vídeos-documentários educativos sobre a História da África, provenientes de diferentes sites, música e utilização do *power point*.

Sabemos que na internet podemos encontrar diferentes tipos de conteúdos, muitos deles não confiáveis, mas, apesar disso, se o professor souber selecionar os

---

importantes para tal”. SENRA, Marilene Lanci Borges; BATISTA, Helena Aparecida. *Uso do blog como ferramenta pedagógica nas aulas de língua portuguesa*. Diálogo e interação. Volume 5, 2011. Disponível em <<http://www.faccrei.edu.br/gc/anexos/diartigos69.pdf>> Acesso em 3 mar 2013.

<sup>4</sup> O Programa Um Computador por Aluno – PROUCA - tem como objetivo ser um projeto Educacional utilizando tecnologia, inclusão digital e adensamento da cadeia produtiva comercial no Brasil. Disponível em <<http://www.uca.gov.br/institucional/projeto.jsp>>. Acessado em 17 nov. 2012.

<sup>5</sup> [www.estudandocontinenteafricano.blogspot.com](http://www.estudandocontinenteafricano.blogspot.com)

vídeos, as músicas e os documentários as serem exibidos, as aulas ganharão novos caminhos já que hoje os alunos solicitam novas formas de aprender, pois recebem informações dos mais diferentes meios, e tem o poder de acessá-las com a palma da mão.

Tendo a oportunidade de lidar com esta ferramenta pedagógica digital em 2011, a autora decidiu pesquisar em seu trabalho de conclusão de curso, em 2014, de que forma um professor efetivo de História do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina utilizava-se deste recurso, se em sua formação inicial foi incentivado o uso de diferentes estratégias de ensino, e se a formação continuada dá suporte a estes anseios atuais, se o suporte técnico oferecido pela universidade e pela escola é funcional/atualizado e se os estudantes tem interesse em utilizar essas ferramentas em sala de aula.

Presenciamos uma era da sociedade em que muitos estudantes de diferentes escolas preferem levar o computador para fazer as anotações das aulas, e não mais o caderno. Frente a isto, muitos professores não se sentem confortáveis para lidar com esta nova demanda, ainda mais quando este aparelho tecnológico tem acesso a internet em tempo real. Como lidar com este tipo de transformação na escola? Os professores estão preparados para incorporar as novas demandas tecnológicas em suas estratégias de ensino ou selecionam outras ferramentas de ensino-aprendizagem? Até que ponto a utilização das tecnologias contribui ou interfere no processo de construção do conhecimento nas escolas?

Não pretendemos neste artigo criar dicotomias entre as estratégias de ensino consideradas tradicionais versus as novas tecnologias, consideradas como “progresso”. A questão não é substituir uma ferramenta pela outra, mas refletir acerca do planejamento de um processo educativo em que diferentes habilidades sejam experienciadas pelos estudantes, não como soluções rápidas de ensino, mas por meio de práticas orientadas para a realização de pesquisas, em que o estudante se perceba como sujeito histórico atuante na sociedade e capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la.

Dessa forma, os estímulos gerados pelas novas ferramentas pedagógicas digitais também exigem do professor e do aluno o exercício da inovação e experimentação para melhor dialogarem e construir conhecimento.

Entendendo metodologia como sendo um “[...] conjunto de procedimentos articulados entre si cuja finalidade é obter resultados confiáveis que nos permitam

produzir conhecimento”<sup>6</sup>, para a elaboração desse artigo foi utilizada a abordagem qualitativa, a análise documental e os métodos da História Oral.

A pesquisa qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações, buscando entender um fenômeno específico com profundidade, a fim de emergir aspectos subjetivos de forma espontânea e participativa, diferente da pesquisa quantitativa<sup>7</sup>.

A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa acadêmica, por apresentar viés diferente na obtenção de informações, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema<sup>8</sup>. Acompanhando os debates e mudanças na historiografia, de acordo com a revolução documental, a noção de documento e investigação foi ampliada. Assim, qualquer objeto que traga informações e vestígios das atividades humanas, sendo elas, escritas ou não, são consideradas fontes para a pesquisa. Para tanto, sabemos que as fontes não falam por si, pois elas precisam ser selecionadas, indagadas, interpretadas e refletidas. A história-problema não se importa com a veracidade do documento, e sua oficialidade, mas com as questões que ele lhe suscita, assim como o contexto e a problemática.

Nesta pesquisa foram analisados os documentos legais do Projeto Um Computador por Aluno (PROUCA), a legislação interna do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, seu Projeto Político Pedagógico (PPP), suas diretrizes e currículo da disciplina de História, a fim de formar um corpus documental escrito para leitura, fichamento e análise, complementada com outras informações, e uma entrevista. Sabemos que o documento não é a única fonte de verdade, mas é uma fonte de pesquisa que precisa ser problematizada, considerando o momento histórico de sua produção, as intenções que permeiam a sua produção e a subjetividade e memória do entrevistado.

Para além da pesquisa documental e das observações das aulas de História, complementou-se a essa pesquisa o uso dos métodos da História-Oral, a fim de

---

<sup>6</sup> CAMARGO, Aspásia. História Oral e Política. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 79.

<sup>7</sup> NEVEZ, José Luis. *Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades*. Caderno de pesquisa em administração. São Paulo, v 1, n 3, 2º semestre, 1996.

<sup>8</sup> LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo; EPU, 1986.

compreender na entrevista os saberes que envolvem o professor de História ao manusear uma ferramenta inovadora no cotidiano de suas aulas. O intuito foi compreender a relação entre os saberes da formação e os saberes da prática do professor de história e como estes saberes contribuíram ou interferiram na utilização destas novas linguagens.

A categoria saberes docentes orientou o diálogo com o entrevistado, o professor de história do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, Fernando Leocino da Silva (30 anos), para entendermos como este docente interpretou e analisou a inserção de novos recursos tecnológicos em suas aulas, mais especificamente o PROUCA.<sup>9</sup>

A escolha deste professor, especificamente, vem do contato prévio da autora com ele durante a disciplina de Estágio Supervisionado de História I, quando a mesma pode acompanhar suas aulas durante a observação da turma da 7ª série B, e refletir o fazer pedagógico durante o segundo semestre de 2010 com presença semanal. Tendo observado afinidades no campo de ensino de história e verificado a disponibilidade deste sujeito-professor, considerou-se importante aprofundar ainda mais acerca da sua singularidade em uma entrevista, embora outros professores tenham sido convidados a participar, mas não puderam integrar o grupo de entrevistados inicialmente pretendido.

Utilizou-se os métodos da história oral, com a realização de uma entrevista, a fim de analisar as memórias do professor de história e a construção de sua identidade por meio de seus saberes docentes. As entrevistas são tomadas como fontes para compreender um processo e analisadas e problematizadas em relação a documentos escritos e outros tipos de registros documentais, enriquecendo a pesquisa no campo do Ensino de História. Assim, ela tem o potencial de responder a problemáticas latentes da nossa sociedade atual. Do exposto, fica clara a contribuição da história oral para atingir o objetivo de compreender como o contexto dessas novas linguagens está relacionado com o campo de ensino de história, como elas têm sido recebidas pelos professores e quais os impactos na prática pedagógica do professor de história. Tudo isso recorrendo à memória do professor, ao relatar como foi sua formação, entre outras questões que foram elaboradas no roteiro da pesquisa.

A entrevista em questão foi realizada nos dias 3 e 4 de junho de 2014, na sala dos professores de história do Colégio de Aplicação, localizada no terceiro andar. A

---

<sup>9</sup> O objetivo inicial deste artigo era relacionar a entrevista de dois professores de história do Colégio de Aplicação, embora tenhamos entrado em contato com outro professor, a entrevista não pôde ser realizada até o fim, dando um outro caminho para a análise do conteúdo.

entrevista aconteceu em clima de tranquilidade e Fernando demonstrou ser um professor reflexivo por meio de suas respostas. Em diferentes momentos em que acionou sua memória, o entrevistado refletiu acerca de seu papel na escola e na sala de aula, e também refletiu sobre si mesmo dentro do seu processo de constituição como professor de história.

Além da vivência escolar na cidade de Bom Retiro e da graduação de licenciatura em História na UDESC, os saberes da experiência de Fernando foram todos vivenciados no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, desde sua prática docente na disciplina de Estágio Supervisionado, até a atuação como professor substituto e, posteriormente, como professor efetivo, até os dias atuais. Esta vivência intensa propiciou ao entrevistado um único ângulo de referência do que é ser professor, vivência esta que será analisada em breve.

Durante a entrevista realizada com o sujeito da pesquisa, buscamos compreender como ele rememora a experiência vivida ao iniciar as atividades como docente, e como construiu sua identidade como professor ao utilizar estratégias didáticas com aparatos tecnológicos nas aulas de história do 6º e 9º ano.

Quando iniciou sua prática pedagógica como professor substituto, no ano de 2009, além do quadro, giz e livro didático, Fernando contava com o recurso pedagógico denominado retro-projetor, este equipamento projetava imagens na parede do fundo da sala, impressas em lâminas coloridas fornecidas pela escola. O entrevistado relembra que projetava imagens e mapas e havia uma interação da turma em apontar as características da imagem na parede ao interpretá-las. Dentro dos limites apresentados, ele conseguia inovar e trabalhar para além do material didático, utilizando um suporte fornecido pela escola, pois cada sala tinha um retro-projetor.<sup>10</sup>

Em seu discurso, Fernando legitima sua habilidade com recursos digitais por enxergar-se como fruto de um processo de mudanças nas estratégias didáticas, latentes nas últimas décadas. Por este motivo, ele incorporou a utilização de fontes em sala de aula, como jornais, revistas, músicas e produtos audio-visuais para ensinar história, a fim de problematizar estas fontes, ao levantar a autoria destes materiais, em que

---

<sup>10</sup> SILVA, Fernando Leocinoda. Entrevista concedida a Suellen de Souza Lemonje. Florianópolis, 03/06/2014. Acervo pessoal. Transcrita por Suellen de Souza Lemonje. 3h30min. 66 páginas. p 46.

momentos foram produzidos, por quem, para quem, a fim de fazer uma ponte entre presente-passado-presente.<sup>11</sup>

Essa concepção de história foi construída ao longo de sua formação como professor de História na UDESC, pelos debates travados sobre historiografia e a ampliação de fontes no ensino de história, incorporadas a partir da Nova História, que teve sua emergência na segunda metade do século XX. Portanto, é perceptível que Fernando se apropria e se enxerga como resultado desse processo, incorporando em seu discurso os debates acadêmicos provenientes de sua formação.

O ano de 2010 foi um ano de mudanças no Colégio de Aplicação, além dos projetos anteriores financiados pelo governo federal. Este ano foi marcado pela chegada dos *netbooks* provenientes do Programa Um Computador por aluno (PROUCA). Embora os aparelhos tenham chegado ao início do ano, eles só foram distribuídos no mês de outubro para os alunos e professores, momento difícil para remodelar as estratégias já planejadas.

Fernando interpreta o Programa Um Computador por Aluno,

um programa muito, muito importante, muito importante mesmo. Embora, eu usasse pouco, eu não usei muito, mas ele fez com que a gente repensasse, porque na medida em que chegou o UCA, chegou o data-show, e chegou a internet, então, mesmo que depois a gente não tenha usado o UCA, os frutos vindos com ele mudaram, assim, é... Mudaram significativamente as aulas de história. Como eu te falei, como eu só usava o, o, o retro-projetor, é... A gente não sente falta daquilo que a gente não conhece, então, aquilo eram as ferramentas que eu tinha. A partir do momento que chegou o UCA e veio todos esses outros recursos juntos, eu passei a repensar e ver a nossa, o quanto uma aula de história pode ser muito mais dinâmica do que aquilo que eu imaginava. Acho que foi um programa importante.<sup>12</sup>

Baseado na memória de nosso entrevistado, percebemos que o projeto trouxe inovações para a escola, campo desta pesquisa, possibilitando o contato da mesma com as novas tecnologias educacionais. O UCA vem no processo de uma popularização de celulares, o baixo custo dos notebooks, e as famílias passaram a investir mais nestes aparelhos. Portanto, este projeto lançou sementes, pois com ele veio a internet wireless, vieram os data-shows e outros instrumentos, pois embora ele não tenha sido utilizado

---

<sup>11</sup> Idem, p 47.

<sup>12</sup> Idem, p 48.

com a intensidade esperada, as reflexões que ele trouxe romperam com a cultura escolar anterior e construíram algo que é permanente até os dias atuais.

A forma como Fernando se expressa, e as infinitas possibilidades estruturais que ele menciona, são reflexo de sua formação, sua experiência de vida, seu meio e também o contato com diferentes autores e debates que embasam sua narrativa e reflexões. Podemos aqui considerar que nem todas as escolas possuem a estrutura do Colégio de Aplicação da UFSC, e nem os investimentos em equipamentos e infra-estrutura para incrementar as aulas de história. Muitas realidades ainda nem almejam estas possibilidades, e ainda anseiam por questões estruturais básicas.

Falando em estrutura, Fernando relata na entrevista que o Colégio de Aplicação não estava preparado para receber um projeto como este, porque não tinham tomadas suficientes para carregar a bateria dos aparelhos, os alunos superlotavam as poucas tomadas, e os fios transpassavam a sala de aula causando tropeços. Como os alunos podiam levar o aparelho para casa, eles traziam-no sem bateria, isso quando se lembravam de trazer. Então, foi muito difícil para os professores de história e outras disciplinas proporem o seu uso cotidiano. Além disso, segundo ele, a internet era muito lenta e os vídeos demoravam a carregar. Ele rememora sua primeira experiência com o UCA,

A expectativa foi muito grande, daí começou um processo assim, o UCA é pesado, vários alunos traziam e não traziam. É... no começo do ano eu lembro que, de 2011, eu comecei a fazer uma atividade em que eles tinham que assistir um vídeo, era um pequeno vídeo, daí eu já vi o grande problema que seria o uso do UCA, porque grande parte dos UCAs já estavam quebrados, isso que eles receberam em outubro, e isso foi em março do outro ano. E a gente tem um problema na escola, outro, a relação do não preparo da escola, a gente tinha uma técnica em informática que tinha que dar conta de todos. Então, eu lembro que naquela turma, naquele momento, naquela primeira vez que a gente foi usar acho que cinco ou seis máquinas já estavam quebradas, e não tinham voltado do conserto, outros esqueceram em casa, ou disseram que esqueceram, então eu sei que naquele momento a gente tinha metade. Se a minha ideia era fazer o trabalho individual, ele acabou sendo em duplas, o que também tem seus benefícios. Acontece que daí houve um descompasso tremendo, porque eu queria que todo mundo assistisse o vídeo, daí uns entravam no site, outros não entravam, é... uns o vídeo carregava, outros não carregava. Eu sei que era um vídeo de cinco minutos, ele demorou uns quinze para carregar, daí quando você cria uma expectativa para usar aquele vídeo, enquanto ele carregava a aula se perdeu, daí eu pensei assim “olha, não sei se vai dar de usar tanto o UCA como eu havia proposto”. E nas

aulas de história acabou que eu não usei mais tão cotidianamente, eu fiz mais duas atividades, por essa dificuldade de carregar.<sup>13</sup>

Com base nesse trecho, podemos analisar que ao rememorar sua primeira experiência com o UCA o professor Fernando atribuiu novos significados ao preparo de suas aulas, quando repensou o seu trabalho pedagógico ao tentar inserir o uso de um vídeo como fonte, tendo sua exibição através do UCA. Apesar da tentativa de inserir essa nova ferramenta pedagógica, ele encontrou grandes dificuldades: aparelhos quebrados; o conserto muito demorado, pois era efetuado somente por uma técnica para toda a escola; alunos esqueceram-se de trazer o material; a internet era muito lenta para carregar o vídeo, o que demandou mais tempo do que ele tinha previsto para aquela aula. Frente à essa realidade, Fernando optou por utilizar menos vezes o equipamento, pois, de certa forma, prejudicava sua prática profissional cotidiana pelos problemas apresentados.

Outro aspecto a ser analisado é a questão “tempo” das aulas, pois o professor Fernando demonstrou que planejou o uso do equipamento, prevendo tempo para introduzir o tema da aula, carregar o vídeo, assisti-lo e debatê-lo, no entanto, só para carregar o vídeo na internet demorou mais de 15 minutos, quando ele comenta que ‘a aula se perdeu’ é porque seu planejamento não ocorreu como desejado, fazendo-o não repetir com frequência o uso desta ferramenta pedagógica. Este tipo de situação só ocorre quando o professor pratica a docência, e aqui os saberes da prática entram em consonância, na administração do tempo da aula, e na escolha das estratégias de ensino.

Em outra situação, Fernando rememora outra aula em que tentou utilizar o UCA,

Teve outro momento que eles tinham que fazer algumas imagens, o problema é que a memória do computador era tão pequena que eu acho que com 10 imagens o computador não rodava. E daí eles começavam a reclamar, e começavam a xingar, “porque isso é uma porcária”, “porque não dá de usar”, “professor posso trazer meu computador de casa?” Daí, eu parti do princípio que não, não. Embora eu soubesse que isso seria uma salvação. Mas daí se a ideia era incluir e que todo mundo tivesse as mesmas ferramentas, como que eu podia autorizar? Aquele grupo ou aquela pessoa ia ter um computador a mais? E num momento onde não só o computador, eles já vinham com celulares com uma tecnologia muito a frente do próprio UCA, então, muitos queriam usar o celular. Eu também não deixava.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Idem, p 55.

<sup>14</sup> Ibidem.

De acordo com este trecho, podemos analisar que o professor Fernando possui um potencial criativo, quando pensa a metodologia com vídeos (citados anteriormente) e imagens no ensino de história. E ao atrelar essas linguagens com o equipamento tecnológico demonstra que ele considera a inserção desse recurso em suas aulas, repensando sua prática docente junto com os saberes da disciplina de história que ministra. Neste trecho, também é possível perceber o público do Colégio de Aplicação, que, ao solicitar trazer outros aparelhos tecnológicos mais avançados, demonstra seu poder aquisitivo, sendo a maioria de classe média, embora haja uma diversidade sócio econômica do público que frequenta a escola.

No decorrer do uso do UCA, segundo Fernando, os professores de história perceberam que o aparelho estava obsoleto frente às necessidades de uso, ele tinha pouca memória, a internet demorava para carregar, e os alunos não traziam fones de ouvido para escutar os vídeos, além do mais, os alunos possuíam em mãos aparelhos muito mais modernos e potentes, mas seu uso não estava autorizado. Como lidar com uma situação como esta quando a escola está propondo e incentivando o uso de tecnologias, oferecendo uma máquina que não funciona tão bem quanto esperado?

Estes e outros problemas afetaram o uso do aparelho nas aulas de história, principalmente, quando Fernando percebeu que em aulas com o uso do UCA alguns alunos terminavam as atividades mais rápido que outros, pois consultavam escondido a internet do celular. Mas, para ele, os estudantes deveriam acompanhar um mesmo ritmo e leque de possibilidades, mas os próprios alunos sentiram os impasses de seu uso e buscaram outras estratégias (consideradas ilegítimas).

Uma das soluções para driblar o uso de outros equipamentos em sala de aula, foi levar a turma para a sala de informática, no entanto, nesse espaço também aconteciam problemas. Segundo Fernando, só metade dos computadores funcionava, e as máquinas estavam obsoletas e muito carregadas, a técnica não dava conta de solucionar todos os pedidos, desta forma, essa realidade dificultava o uso da internet e da tecnologia nas aulas de história.

Cabe ressaltar, nesse contexto, que a formação acadêmica não preparou o professor Fernando para o uso da tecnologia, pois de acordo com a entrevista, em nenhuma das disciplinas pedagógicas de Fernando os professores discutiram o uso das tecnologias no ensino de história. Este foi um saber docente construído na troca das experiências ou ideias com outros professores, e no manuseio destes equipamentos na prática, fornecido pelo investimento de programas governamentais federais. Desta

forma, podemos compreender que a utilização da tecnologia foi mais um uso instrumental do que algo pensando como pedagógico ao longo de sua formação.

Segundo Fernando, a maioria de seus professores da graduação ministrava as suas disciplinas por meio de aulas expositivas e dialogadas, com debate de textos de historiadores e/ou seminários. Para o entrevistado, estes professores não saíam de sua zona de conforto de “transmitir” o seu conhecimento sem instrumentalizá-lo e complementá-lo com o uso de documentos e imagens, instrumentos pedagógicos muito utilizados atualmente nas aulas de história. Foram poucos os professores que marcaram a sua carreira por terem inovado no uso de fontes e diferentes estratégias de ensino.

É natural que Fernando reflita esse aspecto, pois como professor co-orientador dos acadêmicos de história que fazem estágio no Colégio de Aplicação, ele sempre espera dos graduandos estratégias didáticas inovadoras e dinâmicas, no entanto, as aulas que ele frequentou na universidade foram, em sua maioria, monótonas e com estratégias repetitivas se comparadas às aulas elaboradas e ministradas por ele. Ou seja, para ele é um desafio para os estudantes cursar a disciplina de prática de ensino, pois quando suas referências são totalmente diferentes da realidade, a teoria torna-se distante da prática.<sup>15</sup>

Neste momento, podemos refletir que, à medida que os aparatos tecnológicos apresentam tantas intempéries, algumas estratégias consideradas ‘convencionais’ podem contribuir no processo avaliativo da construção de um ser crítico consciente. Nas práticas pedagógicas da disciplina de história, fruto dos aprendizados dos saberes da formação e dos saberes do currículo, permeiam conhecimentos mobilizados pelo professor de história e suas metodologias, e aqui reside um nicho potencial de pesquisa e reflexão dos saberes docentes.

Falando o que os estudantes pensam da disciplina de história, lembramo-nos de sua recepção do UCA. Segundo Fernando, a recepção foi boa, principalmente, para os alunos das séries iniciais. O entrevistado relembra que o público do Colégio de Aplicação é muito heterogêneo em suas condições sociais, mas das poucas vezes que usou o aparelho, sentiu que o PROUCA construiu uma proximidade entre os colegas, pois todos tinham o mesmo instrumento de trabalho em sala de aula, sem destacar ou apagar os sujeitos, e este foi um ponto positivo. A vinda deste projeto proporcionou o

---

<sup>15</sup> Idem. p 20.

acesso à internet àqueles que estavam excluídos do mundo virtual, pelo menos enquanto estivessem na escola, além do que todos poderiam levar os aparelhos para casa.<sup>16</sup>

Quanto aos professores de história, Fernando relembra que no momento que os UCAs foram distribuídos, em outubro de 2010, os professores de história estavam em um processo de transição, pois dos seis professores, somente dois efetivos continuariam no corpo docente, os outros eram substitutos. Fernando seria efetivado, mas como seu processo seletivo foi parar na justiça, também não tinha certeza se ia assumir no ano seguinte. Por este motivo, os professores de história não articularam reuniões de disciplina com discussões sobre o uso do UCA nas aulas de história. Assim, cada professor utilizou de suas expectativas e possibilidades para seu uso nos últimos meses de aula daquele ano, considerando que não havia tempo hábil para replanejar as aulas de história e dar destaque à esta ferramenta pedagógica.<sup>17</sup>

Desta forma, percebe-se que os professores de história tiveram pouco tempo para mobilizar saberes no uso das novas tecnologias. Sabemos dos limites e dificuldades para planejar estas aulas em poucos meses do término do ano escolar, e também a dificuldade de aprimorar saberes da prática que contemplem o uso destas novas ferramentas. Isso exige preparo de novas aulas, reflexões sobre a prática como professor, pois os alunos solicitam novas formas de aprender, visto que os novos tempos exigem um padrão educacional que esteja voltado para o desenvolvimento de um conjunto de competências e habilidades essenciais, para que reflita sobre a realidade que o cerca.

As novas estratégias mobilizadas por projetos financiados pelo governo federal proporcionou um uso mais frequente de recursos digitais no campo educacional. Pois, antigamente, para analisar uma música em sala o professor precisava trazer o aparelho de som de casa, tinha que imprimir a letra, e organizar uma série de coisas que demandavam tempo de preparo. Se o professor fosse usar uma imagem, ele precisava solicitar para escola a impressão colorida de lâminas, e a visualização da imagem não ficava boa no retro-projetor. Hoje, com o uso do power point e do prezi, os professores podem colocar mais de uma imagem para representar o conteúdo da aula, proporcionando uma multiplicidade no ensino, tornando as aulas mais atrativas, dentro de suas limitações.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Idem, p 54.

<sup>17</sup> Idem, p 55.

<sup>18</sup> Idem, p 60.

As possibilidades do uso de fontes, documentos do passado e da atualidade trouxeram uma ponte entre presente-passado-presente com o uso dessas tecnologias, tornou palpável aos alunos. Pois é muito diferente ver uma imagem no livro didático e escutar o professor falar e ele poder visualizar uma imagem, aproximar, focar, pois a imagem visual é muito mais significativa para os alunos, e isso tornou as aulas de história mais prazerosas, pois as possibilidades de significação são muito maiores.

Com os crescentes problemas no manuseio dos UCAs, Fernando conclui que os professores não usam mais o UCA em 2014. Ele reflete,

(...) hoje se tu fores entrar em qualquer sala de aula ou perguntar para qualquer professor do ensino fundamental, eu acho que são raras, são raros os professores que, por exemplo, neste ano de 2014 usaram o UCA em alguma atividade. Às vezes, a gente até esquece da existência do UCA, eu fiz uma atividade no 6º ano com fontes históricas, né? E eu trouxe, coloquei lá dentro da caixa, que era uma caixa de fontes, e... E eu coloquei um UCA. Para ver como que eles lidavam com o UCA, né? Uma cultura material, tá? E todos eles classificaram o UCA como algo antigo, então, os alunos do 6º ano que usaram ele talvez no ano passado, ou retrasado já estão colocando ele como, já estão classificando ele como algo obsoleto, como algo ultrapassado. E... né? Não deveria ser, porque deveria ser um, um projeto permanente na escola.<sup>19</sup>

Neste trecho é possível analisar como as tecnologias estão inseridas rapidamente em diferentes âmbitos de nossa sociedade de forma muito veloz, o que faz com que as anteriores sejam descartadas e consideradas “velhas” e “obsoletas” frente às novas possibilidades. Essa atitude em crianças do 6º ano pode demonstrar a forma como elas encaram o passado, e como supervalorizam o novo, o futuro. É uma questão interessante a ser pensada.

Embora o projeto UCA não tenha construído a inclusão que os professores esperavam, possibilitando aos estudantes o manuseio dos mesmos instrumentos de trabalho, ele trouxe a possibilidade de pensar como as tecnologias já estavam presentes no cotidiano desses alunos, pois eles tinham o equipamento e poderiam trazê-lo para a escola. Podemos considerar o UCA um “abre alas”, pois ele lançou sementes que deram novos frutos. Embora estes frutos não estivessem relacionados efetivamente com o seu uso, ele abriu a possibilidade de refletir e utilizar novos recursos pedagógicos e preparar

---

<sup>19</sup> Idem, p 58.

a estrutura da escola para novas possibilidades e ampliar as dimensões das aulas de história, por exemplo.

O professor não precisava mais restringir suas aulas aos livros didáticos, nem as lâminas do retro-projetor, mas poderia trazer vídeos para serem exibidos no data-show, poderiam baixar músicas, trabalhar com uma transcrição de documentos, acessar com a internet wireless o site da biblioteca nacional e ver a digitalização de documentos. Desta forma, essas mudanças transformaram e aproximaram essa relação presente-passado-presente dos alunos. Assim, essas novas tecnologias visuais facilitaram o aprendizado do conteúdo histórico, quando seu uso não foi repetitivo.

Ao analisar a memória do professor de história compreendemos, por meio dos saberes docentes mobilizados, as formas como ele utilizou essas ferramentas digitais, como interpretou o UCA, como utilizou o equipamento, como isso impactou sua prática como professor, como repensou seu trabalho pedagógico a partir do uso dessa nova ferramenta e que reflexões suscitaram estas mudanças, além dos limites e dificuldades apresentados em seu uso.

Embora tenham acontecido alguns problemas, o UCA possui pontos inovadores, pois ele trouxe mudanças para o Colégio de Aplicação, propiciando o contato da mesma com novas tecnologias educacionais. Este projeto lançou sementes, como afirmou o entrevistado, pois junto com o UCA veio a internet wireless, vieram os data-shows e outros instrumentos digitais que ampliaram os recursos das aulas.

Podemos considerar o UCA um precursor que possibilitou a reflexão e utilização de novos recursos pedagógicos ao preparar a estrutura da escola para novas possibilidades, ampliando as dimensões das aulas de história.

É importante salientar, entretanto, que não foi intenção deste trabalho esgotar este tema, ou trazer conclusões definitivas, mas, antes de tudo, trazer algumas pistas, levantar certos pontos de discussão e contribuir com questões, como as que foram brevemente levantadas ao longo do texto, para que talvez outros estudos sobre uma temática tão pertinente, mas ainda pouco pesquisada por historiadores, possam ocorrer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Helena Aparecida. *Uso do blog como ferramenta pedagógica nas aulas de língua portuguesa*. Diálogo e interação. Volume 5, 2011. Disponível em <<http://www.faccrei.edu.br/gc/anexos/diartigos69.pdf>> Acesso em 3 mar 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Projeto Um Computador por Aluno (UCA): Reunião de Trabalho*. Brasília-DF, 07 e 08 de novembro de 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BLOG ESTUDANDO O CONTINENTE AFRICANO. Disponível em <[www.estudandoocontinenteafricano.blogspot.com](http://www.estudandoocontinenteafricano.blogspot.com)> Acesso 25 set 2015.

CAMARGO, Aspásia. História Oral e Política. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

CUNHA, Emmanuel Ribeiro. Os saberes docentes ou saberes dos professores. In: \_\_\_\_\_. *Práticas avaliativas bem sucedidas de professores do ciclo de formação*. Tese (doutorado), UFRN: 2003.

FONSECA, Selva Guimarães (org). *Ensinar e aprender história: formação, saberes e práticas educativas*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo; EPU, 1986.

MARQUES, Antônio Carlos Conceição. *O projeto um computador por aluno – UCA: reações na escola, professores, alunos, institucional*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade Federal do Paraná. PDF, Curitiba, 2009. 85 f.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. *Professores: Entre saberes e práticas*. Revista Educação e Sociedade, ano XXII, nº 74, 2001.

NEVEZ, José Luis. *Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades*. Caderno de pesquisa em administração. São Paulo, v 1, n 3, 2º semestre, 1996.

O Programa Um Computador por Aluno. Disponível em <<http://www.uca.gov.br/institucional/projeto.jsp>>. Acessado em 17 nov. 2012.

SILVA, Fernando Leocino da. Entrevista concedida a Suellen de Souza Lemonje. Florianópolis, 03/06/2014. Acervo pessoal. Transcrita por Suellen de Souza Lemonje. 3h30min. 66 páginas.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 6 ed. 2006.